



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia do Desporto [ST]

A CIDADE ATRAVÉS DO *OLHAR SKATISTA*: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A PRÁTICA DO SKATE EM SÃO PAULO

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro¹

Doutorando em Antropologia Social

Universidade de São Paulo (USP)

gmachado@usp.br

Resumo

Por ser uma prática tipicamente urbana, o *skate* vive seus momentos de disputas, de diálogos e de repressões, principalmente quando associado à utilização de equipamentos urbanos. Dentre as várias de suas modalidades, uma delas sempre é alvo de problemas que envolvem uma série de atores sociais: trata-se do *street skate*, ou seja, a prática do skate nas ruas. Este paper analisa os múltiplos sentidos atribuídos à prática do *skate* na cidade de São Paulo. Por meio de uma etnografia realizada na Praça Roosevelt, espaço público situado na região central da cidade, pretende-se evidenciar não só aspectos em torno do exercício de uma prática esportiva, mas, sobretudo, as implicações em virtude dos usos e das apropriações dos espaços urbanos por parte dos cidadãos. De uma forma bem ampla, vislumbra-se mostrar como a cidade pode ser lida e ordenada simbolicamente por meio de um *olhar skatista*.

Abstract

This paper part of the analysis of the multiple meanings attributed to the practice of street skateboarding in Sao Paulo. Through ethnography aims to highlight not only issues surrounding the practice of a sport, but mainly the implications of the uses and appropriations of urban space and how the city can be read symbolically and ordered through a *olhar skatista*. Thus, there is a chance to relate the different cuttings of the universe of street skateboarding in Sao Paulo, this is not defined a priori, but constructed out of discourses, practices and representations heterogeneous, and in the middle of a dynamic relational.

Palavras-chave: *skate*; espaços urbanos; apropriações urbanas; Antropologia do Esporte.

Keywords: skateboarding; urban spaces; urban appropriations; Anthropology of Sports.

1. Introdução

Apesar da existência de dezenas de pistas de *skate* na cidade de São Paulo – espaços considerados apropriados para a utilização do skate –, a maioria dos skatistas confere demasiada importância à prática realizada nas ruas, onde, segundo muitos deles, se “anda de skate de verdade”. O que lhes atrai nas ruas é a possibilidade de encontrar diferentes tipos de *picos*, ou seja, equipamentos urbanos (bancos, corrimãos, escadas, canteiros, etc.) que se tornam obstáculos para as suas manobras. Isso demonstra, como bem observado por De Certeau (2009, pp.233), que “as maneiras de utilizar o espaço fogem à planificação urbanística”.

Os skatistas, em suas condições de cidadãos (Joseph, 2005), podem ser vistos como sujeitos de mobilidade que fazem do espaço público uma espécie de “jornal”, por onde circulam, observam e, conseqüentemente, fazem as suas respectivas leituras. Desse modo, tais cidadãos dão novos significados aos espaços a partir de suas próprias experiências e, por meio das formas de sociabilidade que criam, contribuem para “fazer a própria cidade”, sendo essa não definida *a priori*, tampouco considerada como uma coisa, mas uma cidade vivida, sentida e em processo (Agier, 2011)².

Partindo dessas considerações, o objetivo deste *paper* é apresentar algumas questões em torno da prática do *skate* na Praça Roosevelt. Os skatistas ocupam tal local desde o final da década de 1980, no entanto, com a sua revitalização em 2012, essa ocupação se intensificou e fez com que a praça se tornasse um *pedaço* (Magnani, 2000) para cidadãos provenientes de todas as regiões da cidade. Apesar de ser um espaço de sociabilidade notadamente reconhecido, o *pedaço* dos skatistas tem a sua permanência sob constante suspeita. Em razão disso, ao longo do texto pretendo analisar as apropriações da Praça Roosevelt, bem como os conflitos decorrentes das mesmas. Ao levar em conta a atuação de múltiplos agentes, pretende-se, com efeito, não tratar o *pedaço* dos skatistas como algo já consolidado na paisagem urbana, mas, ao contrário, evidenciar a dinâmica relacional que o mantém provisoriamente enquanto tal.

2. A prática do skate em um espaço degradado

Praça Roosevelt, solo sagrado do *street skate* paulistano. Localizada no centro da cidade, a praça sempre foi alvo de críticas por parte de arquitetos, paisagistas e até da mídia, pelo fato de seu projeto priorizar o concreto no lugar do verde. O inferno de uns pode ser o paraíso de outros: o condenado excesso de concreto atraiu um grupo de frequentadores que, nos anos 80, fez uma utilização diferente das paredes alaranjadas e inclinadas (Viegas, Marcelo. “Nova Roosevelt”. Revista CemporcentoSkate, n. 47, ano 18).

Situada na região central de São Paulo, entre as ruas da Consolação e Augusta, a Praça Franklin Delano Roosevelt – ou, simplesmente, Praça Roosevelt – começou a ser construída no final década de 1960, tendo sido inaugurada anos mais tarde, em 25 de janeiro de 1970, durante a administração do então prefeito Paulo Salim Maluf (1969-1971) e em meio ao governo militar de Emílio Médici. A construção da imponente praça, além de promover a estratégica visibilidade das ações dos militares que estavam no poder, teve como uma de suas principais funções o preenchimento da área sobeja do sistema viário da ligação Leste-Oeste da cidade. No entanto, tal empreendimento não logrou demasiado êxito, visto que, ao ser erguido em formato de um pentágono, ele alterou profundamente as formas de sociabilidade consolidadas em um local que era marcado pela efervescência cultural.

Devido a uma série de controvérsias surgidas após a sua inauguração, a Praça Roosevelt sofreu severas críticas por parte de diversos setores da população. Uma das críticas direcionava-se aos equipamentos que compunham o local, os quais desencorajavam certos tipos de apropriações cotidianas. Com muito concreto e pouco verde, a praça passou a ser considerada um mero espaço de passagem, já que não propiciava encontros e aglomerações entre as pessoas, tal como era antes. Deste modo, em razão de diversas características arquitetônicas a ela associadas, a Praça Roosevelt tornou-se uma espécie de obstáculo urbano. No decorrer dos anos ela foi rejeitada por muitas pessoas, não tendo recebido também a condigna atenção e investimento dos poderes públicos, o que culminou, com efeito, em sua degradação e em ocupações “indesejáveis” de

usuários de drogas, moradores de rua, traficantes e prostitutas. Apesar de ter tido algumas eventuais intervenções ao longo do tempo, a praça não cumpriu a sua meta de buscar “uma conexão com a cidade a partir do ideário funcionalista de atendimento a um programa de necessidades” (Yamashita, 2013, pp.61).

Embora as representações negativas criadas em torno da Praça Roosevelt, ao menos uma parcela dos cidadãos se beneficiou do amplo espaço de concreto que se estabelecera no Centro de São Paulo: os skatistas. Em decorrência do fechamento e da má conservação das poucas pistas de *skate* existentes na cidade até o começo da década de 1990, muitos skatistas encontraram na Praça Roosevelt certos equipamentos urbanos que se tornaram obstáculos adequados para a realização de suas manobras. Tais equipamentos foram chamados de *picos* e, malgrado não tenham sido construídos para a prática do *skate*, foram apropriados de um modo diferente do usual e revelaram usos que não eram esperados por aqueles que os planejaram. Deste modo, segundo a perspectiva dos praticantes, um corrimão não servia somente para dar segurança a quem utilizava uma escada, mas também, para ser deslizado com o *skate*. A escada, por sua vez, não era apenas para se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Já os bancos, para além de simples assentos, constituíam obstáculos para testar as habilidades técnicas. Os exemplos se estendiam às rampas, às bordas, às placas de trânsito, etc. Sendo assim, conforme a citação que abre este tópico, a praça que para uns era um “inferno”, para outros era reputada como um “paraíso”, um espaço que, ainda que degradado, podia ser apropriado por meio do exercício de uma prática esportiva.

A Praça Roosevelt oferecia múltiplas oportunidades aos skatistas, que faziam dela um local privilegiado não só para o uso do *skate*, mas também, para a constituição de formas de sociabilidade. Para a revista *Veja*, a Praça Roosevelt era um “monstrengo arquitetônico”³. Já para a revista *CemporcentoSkate*, ao contrário, o mesmo local foi considerado o “solo sagrado do street *skate* paulistano”⁴. De meados da década de 1980 até o começo da década seguinte, a praça foi intensamente ocupada pelos skatistas. Nos anos posteriores, todavia, ela perdeu parte de sua importância devido à revitalização de outro espaço do Centro: o Vale do Anhangabaú. Embora a frequência tenha se efetivado neste outro espaço, os skatistas nunca deixaram de utilizar a Praça Roosevelt, mesmo que isso ocorresse de forma eventual. Várias gerações de praticantes tiveram a oportunidade de se apropriar daquela imensidão de concreto, atribuindo uma multiplicidade de sentidos aos seus equipamentos⁵. É o caso, por exemplo, de Rodrigo Teixeira, vedete consagrada da modalidade *street skate*. Apesar de atualmente residir nos EUA, tal skatista era frequentador assíduo da praça, tendo contribuído para propagar a sua imagem em âmbito nacional e mundial por meio de diversas fotos e vídeos lá produzidos.

A despeito de sua crescente degradação ao longo dos anos, a Praça Roosevelt recebeu atenção especial de cidadãos envolvidos com diversos outros tipos de práticas – como o teatro, por exemplo –, que a ocuparam espontaneamente. Os skatistas também tentaram reforçar a sua ocupação regular, de modo a torná-la menos inóspita, e, para isso, construíram e reformaram variados obstáculos. Essa iniciativa se consolidou em 2008 e foi amplamente difundida pela mídia especializada. Aproveitando dessas melhorias, algumas marcas ainda investiram na promoção de eventos, os quais atraíram centenas de adeptos e simpatizantes da prática do *skate*.

No fim da última década, a Praça Roosevelt tornou-se alvo de muitos embates. A promessa de transformação de todo o seu espaço ganhou força e apoios de políticos e da iniciativa privada. Para contemplar os interesses de múltiplos agentes e instituições, em 2010 foi anunciada uma ampla reforma, de modo que alteraria consideravelmente a sua arquitetura tão polêmica. Diante tal situação, muitos skatistas chegaram a cogitar o fim de diversos *picos* tradicionais da cidade de São Paulo, inclusive, daqueles que eles próprios tinham construídos⁶. Mas, para a surpresa de muitos deles, não foi isso o que ocorreu.

3. A nova Praça Roosevelt: palco de encontros e manobras

A Praça Roosevelt foi reinaugurada em 29 de setembro de 2012, após dois anos de intensas reformas. Orçada em R\$55 milhões, a sua nova arquitetura pouco lembra o amplo pentágono que antes a configurava. Com 25 mil metros quadrados de área, a praça recebeu muitos equipamentos e espaços inéditos – jardins, banheiros,

bebedouros, luminárias, “cachorrodrómo” (espaço para cachorros), playground, guarita para a Guarda Civil Metropolitana, base para a Polícia Militar, etc. –, tornando-a cotidianamente ocupada por um considerável número de cidadãos. Seja para jogar bola, andar de bicicleta, beber cerveja, vender artesanatos, treinar malabares, tocar violão, fazer rimas improvisadas, ou, simplesmente, para ficar à toa, a Praça Roosevelt ganhou visibilidade por ter deixado a sua alcinha de degradada e se convertido no mais novo espaço público de lazer da região central de São Paulo. Tal local é uma referência na cidade, e, em razão de sua imponência e extensão, permite a circulação de cidadãos de várias procedências, sem que necessariamente haja o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. Nesse sentido, partindo da perspectiva de Magnani (2012), a Praça Roosevelt pode ser considerada uma mancha de lazer, sendo que, no âmbito da mesma, muitas práticas e atividades eventualmente competem ou se articulam para se apropriarem de um espaço público estável na paisagem urbana.

Com a sua reforma, os vários *picos* de *skate* que antes existiam foram demolidos, todavia, superando a expectativa dos próprios skatistas, inúmeros outros surgiram. Além do chão liso de concreto acabado (o que facilita a locomoção com o skate), a Praça Roosevelt recebeu bancos de madeira, bordas de concreto, escadas, corrimãos de vários tamanhos e rampas. Todos esses obstáculos tornaram-se cobiçados pelos skatistas, que encontraram na praça um espaço tão agradável quanto aqueles disponíveis em determinadas pistas de *skate* situadas em outras regiões da metrópole. As revistas especializadas destacaram tal fato:

A Nova Roosevelt tornou-se, em tempo recorde, destino obrigatório para os skatistas. Não apenas aqueles que desejam deixar sua assinatura em manobras icônicas, mas também a mãe que quer ensinar as primeiras batidas para o filho, o advogado que deseja aliviar o *stress* da semana passeando com seu long ou o iniciante que chega às nove da manhã, almoça tubaina e pão com mortadela, fica até anoitecer e aprende no mínimo três manobras por dia (Viegas, Marcelo. “Nova Roosevelt”. Revista CemporcentoSkate, n. 47, ano 18).

Ao longo do ano 2013, tive a oportunidade de ir à Praça Roosevelt por diversas vezes e, por meio dessas idas, constatei a presença de praticantes em todos os dias e horários possíveis, inclusive de madrugada. Por se situar em uma região de fácil acesso, a praça logo se constituiu como um ponto de encontro para skatistas provenientes de distintas partes da cidade (bem como de fora dela), deslocando a importância que o Vale do Anhangabaú tinha adquirido em relação a esse aspecto.

Além de andarem de *skate* na Praça Roosevelt, os skatistas têm a chance de encontrar outras pessoas que compartilham da preferência por essa mesma prática. Através das formas de sociabilidade estabelecidas entre eles, é possível compartilhar diversos tipos de experiências, as quais propiciam a apreensão de novos códigos e a atualização de informações ligadas ao universo do *skate*. Nesse sentido, a Praça Roosevelt, apesar de se constituir como uma *mancha* de lazer para um público mais amplo, também se configura como um *pedaço* dos skatistas na metrópole. O termo *pedaço*, em seu sentido antropológico, é definido “quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (Magnani, 2000, pp.32). Neste *pedaço*, as relações se dão com base em gostos e em práticas comuns por parte daqueles que ali estão, e também, pelo cumprimento de certas normas e etiquetas. Com isso, os skatistas demarcam a diferença; constroem e afirmam regras de convívio e de identificação; reforçam laços de confiança, respeito e amizade; além de estabelecerem fronteiras simbólicas e espaciais com outros cidadãos.

O espaço público não é um espaço de produção de universais, mas, ao contrário, “um espaço de hibridação e de excentramento do qual desconfiamos naturalmente” (Joseph, 2005, pp.119). E por ser menos um espaço consensual, os intensos usos e apropriações dos equipamentos urbanos da Praça Roosevelt por parte dos skatistas também têm incomodado muitos outros frequentadores, principalmente certos moradores do entorno. Várias reclamações eclodiram após a inauguração da praça, e as principais delas diziam respeito ao perigo decorrente da prática do *skate* – a qual pode culminar no atropelamento de crianças e idosos que circulam pelo local –, e ao barulho provocado pela mesma, sobretudo no período noturno. Além do grupo articulado por moradores, a Associação Ação Local Roosevelt também se posicionou contrária à prática do

skate e, em razão disso, entrou em contato com a prefeitura para tentar restringir, ou, até mesmo impedir, que ela continuasse ocorrendo na Praça Roosevelt⁷.

O descontentamento de moradores do entorno, o posicionamento da Associação Ação Local Roosevelt e a atuação de agentes do poder público não foram suficientes para disciplinar a prática do *skate* na praça. O local continuou a ser ocupado pelos skatistas de maneira desregrada. Esse imbróglio permaneceu sem ser resolvido, tendo sido agravado a partir de uma situação específica que envolveu a participação de outros agentes: os guardas-civis municipais. Deste modo, os dissabores causados pela prática do *skate* culminaram em um conflito de grande polêmica, conforme se verá a seguir.

4. Conflitos na Praça Roosevelt

Conforme ficou claro até aqui, a Praça Roosevelt, após a sua reinauguração em 2012, tornou-se o principal ponto de encontro dos skatistas na cidade de São Paulo. Por conta disso, essa intensa ocupação trouxe uma série de problemas para os equipamentos urbanos. A maioria deles foi rapidamente danificada: bancos quebrados, corrimãos trincados, caminhos para deficientes visuais retirados, etc. Com efeito, os skatistas passaram a ser taxados de vândalos por não zelarem pelo bem público recém-inaugurado.

Em uma tarde do mês de janeiro de 2013, vários skatistas utilizavam um banco da praça como obstáculo, tal como comumente faziam. Ao notarem que a madeira do banco estava sendo danificada, alguns guardas municipais tentaram cessar a prática do *skate*. Os skatistas paravam momentaneamente, mas, quando os guardas saíam do local, eles voltavam a utilizar os bancos, como se nenhuma advertência tivesse sido proferida. Ao ver essa situação, um GCM à paisana se exaltou e resolveu tirar satisfação com certos skatistas. Um deles – que, inclusive, não andava de *skate* – questionou a forma grosseira como estava sendo abordado, gerando um clima de tensão. Em meio a esse embate, o guarda enforcou rispidamente o skatista, mas, muitos outros praticantes o defenderam, tentando soltá-lo dos braços do agressor. No entanto, apareceram mais GCMs para intervir e, utilizando *sprays* de pimenta, dispersaram a aglomeração que começou a ser formada. Como alguns skatistas portavam filmadoras no momento, foi possível filmar a ação truculenta que se estabeleceu.

As imagens filmadas foram publicadas na Internet no mesmo dia do ocorrido e rapidamente passaram a ser visualizadas por centenas de milhares de pessoas. Em razão da truculência dos guardas municipais, os envolvidos no episódio foram afastados temporariamente de suas funções, ao passo que o agressor, que estava à paisana, posteriormente foi demitido de seu emprego. A agressão ao skatista expôs um conflito pelos usos dos espaços urbanos que cotidianamente acontece na metrópole paulistana. De um lado, guardas municipais zelavam pelo uso oficial esperado para um banco de praça. De outro, skatistas ávidos por diversão faziam do equipamento um *pico* para as suas manobras. Tal fato foi intensamente divulgado em *sites*, jornais e revistas, logo, as apropriações da nova Praça Roosevelt, bem como os seus limites, tornaram-se uma polêmica que envolveu posicionamentos conflituosos.

Rubens Reis, um dos arquitetos responsáveis pelo projeto de reforma da Praça Roosevelt, não se surpreendeu com a presença dos skatistas, os quais, segundo ele, “usaram a praça de forma mais dinâmica que a gente previa. E aí os conflitos começaram. Idosos e crianças não conseguem usar o local, sem falar na depredação. Os bancos de madeira não têm a função de obstáculos”⁸. Já Reinaldo Azevedo, colunista da revista *Veja*, atacou severamente os skatistas, acusando-os de fascistas, de “marmanjos de vida ganha” e de “idiotas mimados”. Em uma postagem em seu *blog*, ele fez a seguinte crítica:

(...) os skatistas privatizaram a praça, que é de todos, e estão usando de modo inadequado um equipamento urbano. Sim, estão depredando os bancos, que não foram planejados para tal atividade. Sim, estão pondo em risco a segurança dos não skatistas. Sim, estão impondo aos outros a sua vontade (...). Resolveram que a Praça Roosevelt, que pertence à comunidade, é propriedade de sua tribo (Azevedo, Reinaldo. “Fascistas de skate”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/fascistas-de-skate/>. Acesso em 08/01/2014).

Para Azevedo, a solução para tal impasse é simples: basta proibir a prática do *skate* na praça. Certas posturas análogas já foram tentadas por agentes do poder público paulistano ao longo do tempo, no entanto, não tiveram efeito⁹. O skatista profissional Otavio Neto indignou-se com o colunista da revista *Veja* e, como forma de resposta, publicou em seu *blog* no portal do canal ESPN alguns comentários irônicos contra a postura do mesmo:

O pior é que estes mesmos “jornalistas” ainda estão no tempo do Jânio Quadros, achando que proibir o *skate* vai solucionar algum problema. Nunca li jornais dizendo que em final de campeonato de *skate* os torcedores se matam... *Skate* é um esporte que tira muitos jovens da violência e já mudou a vida de muita gente. Se for assim tem que proibir o futebol, que mata mais que ataque de tubarão! (Neto, Otavio. “O caso Roosevelt, pimenta nos olhos dos outros é refresco”. Disponível em http://www.espn.com.br/post/302549_o-caso-roosevelt-pimenta-nos-olhos-dos-outros-e-refresco. Acesso em 08/01/2014).

O prefeito Fernando Haddad (PT) tinha assumido o seu mandato em uma data próxima ao acontecimento na Praça Roosevelt, logo, a situação em voga demandou um posicionamento por parte de seu governo. Na gestão anterior, o então prefeito Gilberto Kassab (PSD) adotou posturas adversas a certos tipos de apropriações cidadinas dos espaços urbanos. A gestão de Haddad (PT), ao contrário, mostrou-se disponível a buscar soluções menos repressivas, e por conta disso, convocou uma reunião para tratar de assuntos pertinentes ao problema que se estabelecera. A reunião foi comandada por Marcos Barreto (subprefeito da Sé), e na ocasião estiveram presentes representantes dos moradores, dos skatistas e da Guarda Civil Municipal (GCM).

Após a reunião foi realizada uma coletiva de imprensa para apresentar publicamente alguns acordos estabelecidos entre as diferentes frentes envolvidas com a utilização da Praça Roosevelt. Jader Junior, presidente da Ação Local Roosevelt, ponderou que “não queremos expulsar ninguém. Queremos regras estabelecidas, lugares definidos, sinalizações instaladas”¹⁰. Já Lindamir Magalhães, inspetora da GCM, reiterou que os guardas continuarão admoestando os praticantes, caso a prática seja feita em local inadequado. O subprefeito Marcos Barreto anunciou que uma série de modificações seria efetuada na Praça Roosevelt, de modo que uma área fosse reservada para a prática do *skate*. Sendo assim, em vez de expulsar os skatistas do local, o consenso que se chegou foi de que eles deveriam permanecer, contudo, essa permanência estaria sujeita a regras.

A primeira medida adotada pela Subprefeitura da Sé, a partir do diálogo com demais agentes e instituições, foi a instalação de placas que indicam o local da Praça Roosevelt onde é permitido andar de *skate*. Além dessa medida educativa, firmou-se também um acordo para que tal local ganhasse obstáculos específicos e resistentes para a prática. Não obstante, outra regra estabelecida dizia respeito ao horário para o uso de *skates*, cujo limite seria até as 22 horas.

A Confederação Brasileira de Skate (CBSk) ficou responsável por fazer uma campanha de conscientização entre os skatistas, de modo que respeitassem as regras e prezassem pela boa convivência com os outros frequentadores da Praça Roosevelt. O diálogo entre representantes do poder público e do universo do *skate* possibilitou a realização de alguns eventos na praça, como uma competição chamada “Skate Livre”. Realizado no mês de junho de 2013, o evento foi promovido pela marca Crail Trucks (especializada na fabricação de eixos para skate), e contou com o apoio da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME). De acordo com a promotora da competição,

O intuito do evento Skate Livre é conscientizar o skatista da importância de conviver pacificamente nos espaços públicos da cidade de SP, além de ressaltar a necessidade de possuímos mais locais para a prática de *skate* na metrópole, evitando assim a super lotação das praças e pistas já existentes (“O que é o Skate Livre”. Disponível em <http://skatelivre.com/>. Acesso em 08/01/2014).

O evento reuniu skatistas de diversas partes do país, que puderam andar de *skate*, disputar uma competição, encontrar e fazer amigos, além de ocupar, com base em suas próprias experiências, um imponente espaço

público situado na região central de São Paulo. Deste modo, através dessa competição foi possível olhar de outros ângulos para “apreciar a cidade do ponto de vista daqueles que, exatamente por causa da diversidade de seu modo de vida, se apropriam dela de forma também diferenciada” (Magnani, 1993, s/p)¹¹.

A confusão ocorrida entre skatistas e guardas municipais tivera muitos desdobramentos. A partir de mediações com representantes do poder público, certos agentes do campo esportivo do *skate* posicionaram-se em prol de mais respeito e espaços para essa prática na cidade. Somente em 2013, por exemplo, foram criadas duas frentes parlamentares em defesa do *skate*, sendo uma em âmbito municipal e outra estadual¹². Além disso, em outubro do mesmo ano foi realizado um debate público na Praça Roosevelt que contou com a presença de Rogério Sotilli, secretário municipal de Direitos Humanos e Cidadania. Na ocasião debateram-se questões em torno do direito à cidade e da promoção da cidadania a partir de práticas feitas nos espaços urbanos, como o *skate*.

5. Considerações finais

Em 21 de junho de cada ano comemora-se o Dia Mundial do Skate. Para celebrar tal data, em 2013 os skatistas de São Paulo promoveram o *Go Skateboarding Day*, ação espontânea que consiste na reunião de um número máximo de praticantes, que coletivamente circulam pelas principais vias urbanas da cidade¹³. Tive a oportunidade de participar desse maior e mais expressivo *rolê* de skate do ano. A convocação fora feita através das redes sociais virtuais. O ponto de encontro seria o vão do MASP, situado na Avenida Paulista, a partir das 9 horas. Cheguei pouco antes do horário combinado e havia centenas de skatistas, logo, não tardou para que alguém pegasse um megafone e convocasse os presentes para o início do *Go Skateboarding Day*. Skatistas de todas as idades, tanto homens quanto mulheres, tomaram conta de uma das principais avenidas do país. Gritando “skate!” sucessivas vezes, eles foram em direção à Rua da Consolação, obstruindo completamente o trânsito de automóveis. Após descerem a rua, a circulação prosseguiu rumo a vários espaços do Centro da cidade, como o Teatro Municipal e a Igreja da Sé. O trajeto foi finalizado na Praça Roosevelt, onde havia mais skatistas. Uma multidão se reuniu para gritar em coro várias frases de efeito, como “a Praça Roosevelt é do *skate*”; “a rua é nós” ou “meu *skate* não polui”.

O *Go Skateboarding Day* foi um importante momento para os skatistas, pois, em tal circunstância, eles se aglomeraram e ganharam visibilidade para reivindicar o direito à cidade. E não só isso. Encerrar o *rolê* na Praça Roosevelt foi um modo de afirmar que, embora seja uma *mancha* de lazer que comporta várias práticas distintas, ela se constitui como um *pedaço* dos skatistas em São Paulo. No entanto, a continuidade desse *pedaço*, o qual se insere em um espaço fixo, está a todo instante sendo posta em xeque por uma série de relações conflituosas. Além de estabelecerem uma dinâmica relacional marcada por *proximidades* e *distâncias* (Simmel, 1983) com outros frequentadores da praça¹⁴, os skatistas, em busca da manutenção desse *pedaço*, também têm que lidar com múltiplos agentes – como guardas municipais, policiais, moradores do entorno, representantes do poder público, associações comerciais, etc. – que tentam impor usos oficiais ao local em questão¹⁵. Mas, como fora demonstrado, tais usos oficiais nem sempre se impõem aos usos cidadãos. No caso do *skate*, por exemplo, os skatistas recorrem a várias *táticas* que atualizam, deslocam e inventam um conjunto de possibilidades de usos dos espaços urbanos através de suas próprias lógicas¹⁶. Nesse sentido, assim como “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (De Certeau, 2009, pp.184), um equipamento urbano pode ser transformado em *pico* pelos praticantes do *skate*.

Através deste *paper* foi possível compreender alguns supostos “usos dissonantes dos espaços, não como manifestações de ‘desordem’, mas como formas singulares de apropriação cotidiana e pública de certos espaços” (Leite, 2006, pp.23). Pretendeu-se, com efeito, revelar o espaço urbano não apenas como um pano de fundo onde ocorrem processos de natureza sociocultural¹⁷, mas também, como algo expresso por meio de um conjunto polifônico de representações e narrativas nativas (Frúgoli Jr., 2005).

Referências bibliográficas

Agier, Michel (2011). *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome.

De Certeau, Michel (2009). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Editora Vozes, 16° ed.

Frehse, Fraya; Leite, Rogério Proença (2010). “Espaço urbano no Brasil”. In: Martins, Heloisa Helena T. de Souza (coord. de área); Martins, Carlos Benedito (coord. geral). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia*. São Paulo, ANPOCS, pp. 203-252.

FRÚGOLI JR, Heitor. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. São Paulo, Ed. Marco Zero, 1995.

____ (2000). *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo, Cortez/Edusp.

____ (2005). “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia.” *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n° 1, pp. 133-165.

Joseph, Isaac [2005 (1998)]. “A respeito do bom uso da Escola de Chicago”. In: Valladares, Lícia do Prado (org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Ed. UFMG/IUPERJ, pp. 93-128.

Leite, Rogério Proença (2006). “Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano”. In: Frúgoli Jr., Heitor; Andrade, Luciana Teixeira de; Peixoto, Fernanda Áreas (orgs.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte, PUC Minas/Edusp, pp. 23-44.

Machado, Giancarlo Marques Carraro (2014). *De “carrinho” pela cidade: a prática do skate em São Paulo*. São Paulo, Editora Intermeios.

Magnani, José Guilherme C. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Disponível em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

____ (2000). “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: Magnani, José Guilherme C.; Torres, Lílian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp.

____ (2002). “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol.17, n° 49, pp. 11-29.

____ (2012). *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisas em Antropologia Urbana*. São Paulo, Terceiro Nome.

Simmel, Georg [1983 (1908)]. “O estrangeiro”. In: Moraes, Evaristo (org.). *Sociologia: Simmel*, São Paulo, Ática.

Yamashita, Kelly Yumi (2013). *Praça Roosevelt, centro de São Paulo: intervenções urbanas e práticas culturais contemporâneas*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo.

Materiais de imprensa

Azevedo, Reinaldo. “Fascistas de skate”. *Blog Reinaldo Azevedo*. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/fascistas-de-skate/>. Acesso em 08/01/2014.

Nanô, Fabiana. “Após confusão em praça de São Paulo, prefeitura promete área específica para skatistas”. *Notícias UOL*. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/08/apos-confusao-na-praca-roosevelt-prefeitura-promete-area-especifica-para-skatistas.htm>. Acesso em 10/01/2014.

Neto, Otavio. “O caso Roosevelt, pimenta nos olhos dos outros é refresco”. *Blog Otavio Neto*. Disponível em http://www.espn.com.br/post/302549_o-caso-roosevelt-pimenta-nos-olhos-dos-outros-e-refresco. Acesso em 08/01/2014.

Prieto, Douglas. “A monstrosidade arquitetônica de Esteban Florio”. *Revista CemporcentoSkate*, n.122.

Revista São Paulo. “Uma praça para todos”. *Revista da Folha de SP*, 2013.

Revista Veja. “Estilos e gestos”. São Paulo, edição publicada em 14 de novembro de 1985.

Skate Livre. “O que é o Skate Livre”. Disponível em <http://skatelivre.com/>. Acesso em 08/01/2014.

Viegas, Marcelo. “Nova Roosevelt”. *Revista CemporcentoSkate*, n. 47, ano 18.

¹ Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/USP), sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme C. Magnani. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2012/23331-0). Membro do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP) e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS/USP).

² Michel Agier (2011, pp.32) defende a possibilidade e a utilidade de três aspectos distintos (mas convergentes) como modo de entendimento de uma antropologia da cidade: “os saberes” (*les savoirs*); “os espaços” (*les espaces*) e “as situações” (*les situations*). Desse modo, o mesmo autor postula que a antropologia da cidade não se baseia numa definição externa, urbanística, estatística ou administrativa da cidade, mas ao contrário, leva em consideração o seu caráter de uma multidão sem totalidade. Já Magnani (2002, pp.20) ressalta que tanto a antropologia na cidade quanto a da cidade, “devem ser considerados como dois pólos de uma relação que circunscrevem, determinam e possibilitam a dinâmica que se está estudando”.

³ “Estilos e gestos”. *Revista Veja*. Edição publicada em 14 de novembro de 1985.

⁴ “Nova Roosevelt”. *Revista CemporcentoSkate*, n. 47, ano 18.

⁵ A revista *CemporcentoSkate* (n.122, ano 12), em uma matéria especial sobre as intervenções feitas pelos skatistas na Praça Roosevelt, enfatizou que “a praça foi uma escola de *street skate*, formando skatistas de características e especialidades distintas, mas aptos a enfrentar qualquer tipo de situação que viesse a surgir dali em diante”.

⁶ Em meu livro, intitulado “De ‘carrinho’ pela cidade: a prática do skate em São Paulo” (Machado, 2014), é possível ver alguns relatos etnográficos sobre a prática do *skate* feita na Praça Roosevelt na época em que ela era considerada “degradada”.

⁷ Frúgoli Jr. (1995, pp.15) salienta que os espaços públicos são alvos de intensas intervenções visando priorizar, sobretudo, o fluxo. Partindo desse princípio considera-se que diversos tipos de apropriações de certos espaços são banidos ou excluídos. No contexto pesquisado, o skate, para alguns agentes, constitui uma prática que, além de deteriorar os equipamentos, atrapalha a circulação de pedestres pelas calçadas. Portanto, conforme apontado por Frúgoli Jr. (2000, pp.21), “é necessário atentar para a diferença que há entre premissas e intenções de determinados projetos urbanos e suas realizações concretas, já que a complexidade da conexão entre as intenções técnicas e as decisões políticas pode resultar em diversas formas de exclusão social, mesmo dentro de projetos, a princípio, iguais”.

⁸ Disponível em: “Uma praça para todos”. São Paulo, revista da Folha de SP, 2013.

⁹ Vários agentes do poder público já tentaram proibir a prática do *skate* em diferentes cidades do Brasil. Em 1988, por exemplo, Jânio Quadros, então prefeito de São Paulo, proibiu essa prática em todas as ruas da cidade. Em 2009, o vereador Adolfo Quintas (PSDB) formulou um projeto de lei com essa mesma intenção.

¹⁰ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/08/apos-confusao-na-praca-roosevelt-prefeitura-promete-area-especifica-para-skatistas.htm>. Acesso em 10/01/2014.

¹¹ Disponível também em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2009.

¹² O vereador Eduardo Tuma (2013) criou a frente parlamentar em defesa do *skate* em âmbito municipal, ao passo que o deputado Gilson de Souza (DEM) a criou em âmbito estadual.

¹³ O evento ocorreu no dia 23 de junho de 2013.

¹⁴ Partindo dos pressupostos de Simmel (1983), o indivíduo está concomitantemente perto e longe, condições que se revelam por meio de uma proximidade corporal e uma distância espiritual. Isso o leva a ter mobilidade não só pelos espaços da cidade, mas também, em suas interações, as quais lhe propiciam um estranhamento, a constituição de formas de associações, a mediações, bem como o conflito com os outros.

¹⁵ Desta maneira, os espaços centrais da cidade “são densos não só porque concentram atividades e grupos, mas também porque abrangem várias significações, que ao mesmo tempo se entrecruzam, complementam-se, contradizem-se” (Frúgoli Jr., 1995, pp.12).

¹⁶ Deste modo, portanto, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas” (Merleau-Ponty, 1976 *apud* De Certeau, 2009, pp.185). De Certeau (2009, pp.45) mostra ainda que certos usos comuns de determinados bens e espaços são perpassados por modos próprios de utilização por parte dos cidadãos, os quais se dão entre as

representações que as instituições buscam impor (o que o autor define como *estratégias*) e as maneiras através dos quais estes controlam suas próprias vidas (o que pode ser definido como *táticas*).

¹⁷ Para uma abordagem mais detida sobre a questão do espaço urbano, vide Frehse & Leite (2010). Esses autores fizeram um levantamento bibliográfico das principais discussões referentes à temática “espaço urbano no Brasil”, apresentando diversas concepções sobre o assunto que são mobilizadas, em termos teórico-metodológicos, de diferentes modos.